



\*\*\* REDATOR PRINCIPAL \*\*\*  
Alexandre Vieira  
\*\*\* EDITOR \*\*\*  
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional  
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)  
Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 124

Redação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. teleg. Talhava — Lisboa • Telefone: 7

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Revoltantes perseguições

Não tem tido a imprensa uma palavra de reprovação para os actos de banditismo praticados pelos lavradores do Vale de S. Tiago, o que desfavoravelmente depõe sobre a sua imparcialidade, tanto mais que, com uma paciência verdadeiramente notável, procura descobrir entre as mil insignificâncias do movimento operário, pretexto para, com escritos sofisticos, desnortear a opinião pública, apresentando-lhe as manifestações de vitalidade das hostes proletarianas, como factores da desordem social e das perturbações da ordem — dessa ordem que constantemente incensa, mas que não recebe gravemente alferar quando necessário se torna satisfazer interesses partidários, exigências de facção, que de ordinário se traduzem numa questão de gana. Mas se verdade é que o mundo burguês fez a conjura do silêncio em torno dos estranhos e revoltantes sucessos do Vale de S. Tiago, calando-se todos os diários, desde o mais reactionário e conservador, ao mais vincadamente democrático e radicaleiro, nós não deixaremos de erguer o nosso brado enérgico de protesto contra os lavradores do Vale de S. Tiago, que teem assoldado bandos de sicários que espancam brutalmente as camaradas rurais daquela localidade, assaltam as suas moradias e chegam a ameaçar de morte as respectivas famílias, como se prova com o telegrama que demos à estampa no nosso número de anteontem.

Este estado de coisas não pode continuar. Os bandos que infestam o Vale e que na sua condenável acção são secundados pela força armada, criaram uma situação insuportável, uma atmosfera de chumbo, e de estranhar não será que os rurais, cansados de serem tam cruelmente perseguidos e acossados como feras, se ergam num gesto de rebeldia contra o governo que tais prepotências consente, tirando retumbante desfogo dos que, a coberto da comoda denominação de defensores da ordem, procuram defender os privilégios dos detentores da terra, estrangulando os princípios de emancipação que entre os camponeses frutificam.

Ainda não satisfeitos com arremessarem para as regiões inóspitas de África algumas dezenas de camaradas, desejando espalhar a desolação e o terror naquelas pâmagens, continuam os burgueses fomentando a guerra social, provocando a classe trabalhadora para a luta — nesse desafio, nesse incitamento ao franco declarar das hostilidades, claramente são auxiliados pelas autoridades, que à sua disposição põem a guarda republicana.

Impõe-se que as crueldades do Vale de S. Tiago acabem, e se o governo com elas não terminar, se imediatamente não pozer termo às depredações dos bandos de quadrilheiros que ali pululam, vê-se hão as classes proletárias, aquelas que tudo produzem, e que constituem as únicas forças vivas do país, na necessidade de, num acto enérgico, obrigar as classes conservadoras, isto é: os padres, os capitalistas e os políticos, a abandonarem os seus propósitos provocadores, propósitos que mais tarde muito lamentariam terem exteriorizado. Termino-se, pois, com essas crueldades, basando para isso que o presidente do ministério cumpra a sua palavra, cumprimento que já tarda — mandando rigorosas instruções às autoridades locais, ordenando-lhes a repressão de tais desmandos dos lavradores.

E que isso se faça rapidamente — pois representa um dever de humanidade.

## No Barreiro

Realiza-se amanhã na sala da Associação dos Corticeiros do Barreiro pelas 4 horas, uma conferência, sendo diferente o nosso camarada Miguel Góes, que tomou por tema: A Associação e a Financiamento da Mulher.

## OS MORTOS MANDAM...

### O sidonismo revive

#### Um operário recentemente preso conta-nos porque o foi e como foi tratado

"Prenderam-me porque estava solto e soltararam-me porque estava preso"

Acárcas das prisões de alguns camaraços nosso recentemente efectuadas, a propósito do movimento grevista em que se lançaram e encontram ainda algumas classes operárias da capital em consequência da carestia da vida, entrevistamos o nosso camarada Jerônimo de Sousa, um daqueles camaradas que, sem razão plausível nem motivo justificado, foi preso como él, por obra e graca não se sabe de que poderoso, oculto e misterioso poder, fazendo falsoas declarações do sr. ministro da guerra.

Fomos encontrar Jerônimo de Sousa em sua casa, ainda mal refeto dos tormentos resultantes da sua prisão injusta.

— Conte-nos lá como se efectuou a sua prisão e diga, se o presume, porque motivo o prenderam.

— Prenderam-me porque estava solto e soltararam-me porque estava preso. A prisão efectuou-se do seguinte modo: na segunda-feira, 5 de corrente, às 6 da manhã, quando me dispunha a levantar-me para ir para o meu trabalho, e sem que eu o esperasse, ouvi tocar a campainha da porta de minha casa.

— Minha mulher foi abrir e viu um oficial do exército acompanhado por um marinheiro da armada que me procuravam. Vesti-me à pressa e apresentei-me ao referido oficial, que me convidou a acompanhá-lo, em nome do ministro da guerra.

— Desci à rua, onde se encontrava um automóvel com um alferes e dois soldados e, acompanhado do sobredito oficial do marinheiro tomei lugar no mesmo automóvel, que se pôs em marcha para casa de um outro camarada que devia também ser preso comigo, mas que, por motivo de doença, não me acompanhou.

— E daí?

A subversividade dum "chauffeur" que se não julga operário

— Daí fomos ainda a casa de outros camaradas, que não foram encontrados, depois que o automóvel seguiu para o Rocio. Durante o trajecto um dos feridos oficiais, reconhecidamente, ao que suponho, preguntou-se se eu estava preso a quando da situação sidonista, o que confirmei, por ser verdade...

— E o que, de resto, não é para es-

tranhar.

— Foi isso mesmo que eu disse ao oficial, acrescentando que os operários, seja qual for a sua atitude, seja qual for o partido de defesa que tomem pela República, não se livram de ser presos, vexados e perseguidos em todas as situações deste regime como o foram, mais ou menos, no regime monárquico, especialmente no consulado franquista.

— E dos livros. O operário, tendo embora razão, leva pancada e vai preso.

— Isso mesmo.

— Não se conformando com o meu asserto, o oficial em questão, respondeu que, desta vez, não se tratava dumha questão política, mas apenas de prender operários, piores que os políticos, no seu conceito, opinião corroborada pelo chauffeur que, por subversividade, que, por subversividade, os operários como assassinos.

— E esse chauffeur não é operário?

— Operário é, com certeza, mas, pelo visto entende que não... Chegados ao Rocio e como lá dizendo, mandaram-me apesar e, entre dois marinheiros, fui conduzido ao quartel do Carmo. Nesta altura, um camarada da construção civil que, por mera coincidência, havia parado junto do automóvel, recebeu voz de prisão e lá foi levado comigo para aquele quartel, onde entramos num calabouço em que se encontravam já uns trinta e tantos presos por diversos motivos, entre elas o camarada Luís Plaza.

— Mas que motivos?

— Motivos políticos e sociais.

— E desse calabouço?

— Desse calabouço e ao cabo dum hora fomos todos levados, a seis seis, para o picadeiro do quartel.

Ler "A Batalha" é um grande crime para um coronel que declara nunca a ter lido!

— Para aprenderem a recrutar de calvaria?

— Para nos moerem durante trinta e seis horas que permanecemos naquele recinto frígido e húmido, onde tivemos que deitar-nos e dormir sobre a terra e recebemos a visita dum coronel e diversos oficiais da guarda republicana, informando-nos o dito coronel de que as fórcas do seu comando nunca mais procederiam com benevolência para com os operários, fazendo pontaria altas, o que, na sua opinião, tem sido um erro, mas que, de futuro, as referidas pontarias seriam feitas dos pés à cabeça, acrescentando que os mitrões atingidos por essas pontarias nunca

realizaram-se amanhã na sala da Associação dos Corticeiros do Barreiro pelas 4 horas, uma conferência, sendo diferente o nosso camarada Miguel Góes, que tomou por tema: A Associação e a Financiamento da Mulher.

## NOTAS & COMENTARIOS

### As greves e a reacção

Não fazem os operários greve porque os acicate a miséria ou porque a isso os impõe uma necessidade imperiosa. Façam greve simplesmente porque os agitadores reactionários, intrinsecamente nas associações, os incitam e empurram para a luta. Sem estes agitadores reactionários pagos, a massa operária manter-se-há per se resignada e quieta, conformada em absoluto com a sua sorte e com a sua situação. O diabo só os faz reactionários pagos, sem os quais nenhuma greve estaria. Pelo menos é este o parecer que *O Mundo* ontem expôs em editorial. Estas coisas dizem-se, escrevem-se, o papel consente-as, porque o papel consente sempre o que lhe põem. Mas não se provam. Entendem talvez aqueles que as publicam que não é preciso provar asserções de tamanha gravidade. Basta fazê-las e deixá-las correr. Em boa verdade não prima o processo por demasadamente escrupuloso. De resto, a atoarda é lançada e repetida para só ser acreditada pelos que o funcionamento sindical não fazem a menor ideia. Numa associação de classe quase se conhecem todos uns aos outros, e se os talas agentes, reactionários ou democráticos, tivessem a infeliz ideia de lá se insinuar, pregando a revolta e a violência, a ninguém lidiaria.

— De certo que por ouvir dizer... Pedimos-lhe manta para agasalho, no que ele respondeu não ser preciso porque estariam ali pouco tempo, por não poder nem querer ter-nos no quartel. E assim passámos 36 horas.

— E depois disso?

— Fomos avisados de que íamos sair do quartel, sem nos dizerem para onde.

— Para Monsanto talvez?

— Para a Torre de S. Julião da Barra, conduzidos em dois camions em pé de guerra, juntando-se-nos no caminho mais dois camions com presos vindos do governo civil, com a competente escolta de cavalaria e infantaria da guarda republicana.

— Como os trataram na Torre?

A democracia utiliza as prisões da Torre de S. Julião da Barra, que foram mandadas encarcerar pelo ditador francesista

— Meteram-nos, todos — 49 — numa casa-mata insuportável, com uns doze metros quadrados, encharcada, batida, escura, com as exergas apodrecidas e apena, com um respiradouro.

Reclamámos, pedimos, implorámos, mesmo, que nos removesssem para outra prisão mais suportável, mas foi dada que o fizemos.

Entre os presos, conosco, havia dois enfermos que choravam, um deles à morte, ambos eles já idios e professores primários.

— A quem fizeram esse pedido?

— A um oficial que se declarou estranho à nossa situação, dizendo que procedia em obediência à ordem do sr. ministro da guerra, que mandou para ali os presos, sem indicação do tratamento que se lhes devia dar, além da reclusão. Entretanto fomos divididos, indo instade os presos para outra casa-mata.

— Melhor ou pior?

— Igual à outra e tam insuportável que um outro oficial que lá nos apareceu, reconheceu a justiça da nossa reclamação no sentido de se nos dar outra prisão melhor, acrescentando que aquelas prisões foram mandadas fechar pelo sr. João Franco e reabertas por ordem do sr. Norton de Matos, quando ministro da guerra, por ocasião da revolta dos soldados de infantaria 21.

— Quantos presos calcula você que se encontram agora nessa prisão do Estado?

— Eu não calculo, mas ouvi dizer que devem ser uns três mil, entre militares e civis.

— E o tratamento? Deram-lhes manta?

— O tratamento não foi desumano, tanto da parte dos oficiais e dos sargentos, como da parte dos soldados. As matas vieram parar a comer tivemos o rancho dos mesmos soldados.

E Jerônimo de Sousa, concluindo, acrescentou que, muito embora se encontre livre daquele inferno inadmissível e injustificável no regime republicano, que não pode deixar de deixar, por conseguinte, a ordem liberal e, por conseguinte, a ordem do Rocio, reconheceu que aquela prisão era de concerto dos piores inimigos da humanidade, determinou que em todas as escolas esses crimes sejam verberados e posto a nô o horror desse plano.

Pelo visto o sr. Leonor Coimbra gosta das coisas bem a nô, sem a clássica folha de videira e sem, ao menos, o manto diáfano da fantasia que veste a Verdade do monumento a Frei Queirós, ali Largo do Quirino.

O que o ministro não pôe a nô nem é possível apurar é que crimes foram esses, exceptuando o incêndio dum apartamento do Limoiro, verdadeiro alôbre de epidemias e moléstias contagiosas e bem assim de todos os tuberculosos possíveis e imagináveis que, em vez de invenção, como o foi agora por alguns presos de delito comum, devia, há muito, ter sido arrazado, como todas as bastilhas portuguesas, suas congêneres, outras tantas escolas de vício e perdição onde nunca pôs os pés o ministro da instrução e onde ainda não entraram nem hão de entrar, tantissimos patifes que andam por aí sem retranca nem brido, fazendo a desgraça de tudo e de todos, como por exemplo os açambarcadores do alimento.

— E que motivos?

— Motivos políticos e sociais.

— E desse calabouço?

— Desse calabouço e ao cabo dum

hora fomos todos levados, a seis seis,

para o picadeiro do quartel.

Ler "A Batalha" é um grande crime para um coronel que declara nunca a ter lido!

— Para aprenderem a recrutar de calvaria?

— Para nos moerem durante trinta e seis horas que permanecemos naquele recinto frígido e húmido, onde tivemos que deitar-nos e dormir sobre a terra e recebemos a visita dum coronel e diversos oficiais da guarda republicana, informando-nos o dito coronel de que as fórcas do seu comando nunca mais procederiam com benevolência para com os operários, fazendo pontaria altas, o que, na sua opinião, tem sido um erro, mas que, de futuro, as referidas pontarias seriam feitas dos pés à cabeça, acrescentando que os mitrões atingidos por essas pontarias nunca

## O sindicalismo no Teatro

nova era da história das evoluções sociais.

Depois de largos anos de dôr e de silêncio, os povos podem enfim ditar a sua vontade.

Quando, depois de uma eloquente exortação aos artistas, o orador terminou, na sala irromperam, estrondos e delirantes, os aplausos. Foi um espetáculo bizarro e comovedor aquele que ofereciam as atrizes e os actores de Paris aplaudindo com frenesi um dos mais temidos chefes do sindicalismo mundial.

Feito silêncio, sobe à tribuna M. Carpenter, fala em nome dos artistas desmobilizados. O seu discurso deixa-nos a impressão de que via muita dor, muito sofrimento. Termina com esta afirmação dita num tom categorico: "Os fundemos um mundo melhor".

Neste momento surge na sala uma delegação de directores de teatros. Comunicam-nos os artistas desmobilizados. O seu discurso deixa-nos a impressão de que via muita dor, muito sofrimento. Termina com esta afirmação dita num tom categorico: "Os fundemos um mundo melhor".

Queriam todos eles celebrar o 1.º de Maio, confessando a sua nova fé sindicalista. Eram mais de cinco mil, e não se julgou que haviam acordado ao apelo da "Federación do Pessoal de Espectáculos" apenas os trabalhadores de inferior categoria teatral.

Estavam ali Max Dearly, Tarride, Lugné Poe, René Faudrois e Gerbaud, da Comédie Française; Mary Hett, Gaston Severin, Savoy, etc.

Eleita a mesa, tomou lugar na presidência o maquinista de uma coliseu dos boulevards, e serviu como secretária dos artistas modestos; é, porém, preciso reduzir os dois tiranos da cena. Ajudai-nos a vencer estes — exclama — e será eterna a nossa gratidão pela Confederação Geral do Trabalho. Aresceu-nos alegria de ferro.

Os primeiros discursos foram pronunciados por Paul Dauboy e Pierre Campana, em nome dos artistas dramáticos. Afirmaram que todos os seus colegas que ali representavam, queriam ingressar na Confederação Geral do Trabalho. Acrescentaram que já tinham conseguido dos directores a promessa de um contrato-tipo e de um salário mínimo. Não se fiavam, porém, com promessas; exigiam realidades imediatas. Só a união dos artistas no Sindicato, no lado dos operários organizados, lhes parecia a arma suficiente. Ao Sindicato se acolhiam, resolvidos a vencer.

M. Pierre Campana protestou contra a exiguidade dos salários dos coristas, entendendo que dev

## CONTRA O CAPITAL

## A parada operária de ontem

despeito do mau tempo, da pouca preparação e do aparato bélico, foi imponente a manifestação do proletariado de Lisboa

Correspondendo à convocação da U. S. O. de Lisboa, que no último número publicámos, milhares de operários ontem se concentraram no largo do Pequeno, reclamando da comissão administrativa do município a rápida solução da greve municipal. Muito mais imponente poderia ter sido essa manifestação. Porém, à falta de preparação—pois essa demonstração de força, fora deliberada na véspera—aliou-se a chuva que durante a tarde fustigou a cidade, imbuindo muitos e muitos camaradas de associar-se à parada operária.

Como fôr convencionado, o grosso da manifestação partiu da sede da U. S. O., encontrando-se muito antes das 16 horas, as vastas salas da Central dos Sindicatos, completamente repletas. Pelas 14 horas foi chamada ao governo civil uma comissão que representava a U. S. O., a fim de expor ao governador civil interino os fins da manifestação. Imediatamente uma comissão foi avistar-se com o chefe superior do distrito, a quem declarou que era intuito da União dos Sindicatos de Lisboa manter a máxima ordem durante a parada.

Pelas 13 horas, partiu a coluna principal da manifestação, que era composta por muitos milhares de operários, sendo deitada junto à igreja da Conceição Nova, por uma importante força de polícia comandada pelo chefe Alexo. Depois de trocadas breves explicações, continuaram os manifestantes na sua marcha, não havendo nenhum incidente a registar durante o resto do trajecto.

No Largo do Municipio e imediatamente, no Terreiro do Paço, um grosso esquadrão de lanceiros, polícia e guarda republicana; no Arsenal da Marinha encontravam-se camões com metralhadoras, prontos para, à primeira voz, reprimir qualquer sítio de rebeldia dos milhares de proletários que no largo do Pelourinho se encontravam.

Entretanto, muitos operários continuavam chegando, tendo o pessoal dos tabacos conseguido sair uma hora mais cedo, estando largamente representadas as diversas classes trabalhadoras. A chuva continuava caindo impiedosamente, o que bastante prejudicou a imponência do acto. Uma comissão da União dos Sindicatos Operários, subiu à Câmara Municipal, a fim de expor a Comissão Administrativa a vontade do pessoal trabalhador.

A comissão foi recebida pelo presidente da Comissão Executiva que se encontrava com o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Expôs o fim que levava ali as classes trabalhadoras, a U. S. O., fez ver a justiça que assistia as reclamações dos grevistas e o desejo do proletariado em ver satisfeitos. Não era por prazer ou para fazer o jôgo dos reacionistas que as classes operárias se lançavam na luta, mas, simplesmente, para fazer reclamações, que a instigante situação económica, tornava indispensáveis.

A comissão delegada dos operários fez pelas reclamações do operárioido a pelo pagamento das dias em g.

O presidente da comissão executiva e o sr. Zácaras Gomes de Lima declararam que a Câmara não tinha recursos e que estes não lhe tinham n'ra sido oferecidos pelo governo. Expuzram mais que na sessão da véspera se tinha resolvido prorrogar o convite para o pessoal regressar ao serviço e bem assim se deliberara que fosse nomeada uma comissão composta de dois membros do pessoal associativo e assalariado da câmara, que junto com dois vereadores estariam a fôrma, prática de resolver as pretensões do pessoal camarário. Entendem pois que aquele pessoal devia retornar ao trabalho, pois a dita comissão também se ocuparia da questão do pagamento durante o tempo da greve. Disseram mais os vereadores que a comissão de conciliação e ainda a resolução de se prolongar a duração da subvenção e subsídio por todo o tempo que fosse julgado necessário, punham os grevistas a vñem para retomarem o trabalho sem relutância.

Esta conferência durou perto de uma hora. A comissão comunicou depois aos manifestantes que na sede da U. S. O. seriam comunicados os resultados da conciliação, colocando-se à testa da manifestação que tornou os Paços do Concelho, subindo a rua do Ouro, R. de S. Nicolau, Chiado e Calçado do Combro. Uma vez defronte do edifício da U. S. O., a maioria dos manifestantes, pertencentes a classes aliadas à greve, retiraram-se porque, além do mau tempo, não permitiu a sede da organização operária não poderem conter essa avalanche humana.

A comissão expôz à assemblea o que com a Comissão Administrativa da Câmara se passara, e que acima relatámos, deliberando a assembleia, entre grande entusiasmo, não aceitar a irrisória plataforma que lhe era apresentada, continuando em greve até composta satisfação das suas reclamações.

Falaram ainda vários camaradas, que foram deliberamente aplaudidos, incluindo os grevistas, a continuarem na greve com firmeza, lutando com denodo pelo triunfo da sua justa causa.

Ao encerrá-la a sessão, foram erguidos muitos vivas à greve dos Operários Municipais, à U. S. O., à U. S. O. de Lisboa e à A Batalha, vivas que eram vibrantemente correspondidos pela multidão que se comprimiu nas salas, corredores e escadarias do edifício do concelho.

Foi, pois, uma manifestação importante e algo significativa, a que o proletariado ontem realizou, e em que ele demonstrou a sua inteira solidariedade moral e material para com os camaradas em greve.

Reunião de delegados na U. S. O.

Para tratar da solução da greve dos operários do Municipio, reuniu ontem, extraordinariamente, a comissão administrativa deste organismo, que resolviu, por unanimidade, convocar para

## Sargentos prouvidores

Gridem à pranchada três pacíficos transeuntes

Ontem, cerca da 1,30 da noite, passavam pela rua da Boa Vista, dirigindo-se muito soezadamente para a sua residência, José Ferreira da Costa, Francisco Pinhal da Cruz e Eduardo Costa. Quando passavam junto à esquadra que nessa ria existe, saíram de uma casa de má nota dois sargentos do exército e um alferes que, sem que os indivíduos a que nos referimos lhes tivessem dirigido a menor provocação, os agrediram brutalmente à pranchada, a ponto de Eduardo Costa ficar deitado sanguinolento maré pela boca. A polícia, apanhada na esquadra estar próxima, não interveio; acabando os agressores por em fuga os pacíficos transeuntes que em tão má hora se lembraram de passar pela rua da Boa Vista.

Protestando contra essa injustificada agressão, estiveram nesta redação os agredidos, que indignadamente nos relataram o caso.

## NO MUNDO OFICIAL

## INSTRUÇÃO

Foi assinado um decreto permitindo a matrícula de alunas em todos os liceus masculinos, a principiar no próximo ano lectivo e estabelecendo que as suas horas femininas só podem ser nomeadas professoras efectivas, as senhoras, legalmente habilitadas.

Uma comissão de professores contratados das escolas novas procura o ministro da instrução para solicitar que esses professores sejam considerados efectivos e concedidos os seus professores efectivos.

O sr. Leonardo Coimbra achou muito justo o pedido e prometeu tratar do assunto com o seu colega das finanças.

Foram postas à concurso as escolas masculinas de Carvalho, concelho de Penacova e de Mação, e das damas e femininas de Santa Maria da Cunha.

Foram postas à Diário do Governo os seguintes decretos: Autorizando o governo a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 500 contos para a construção de um edifício para a Escola Superior de Artes e Ofícios de Lisboa, com a construção das bibliotecas e a melhoria das respectivas pessas, criando um diploma de professor de cavação física para os indivíduos em determinadas condições de habilitação para esse magistério, mandando aplicar aos mesmos esses diplomas que atenuem outre o direito de desconto de 3,25% no arrendo 1.º do decreto n.º 446.

O professor Diogo Rosa Machado foi exonerado, a seu pedido, de reitor do liceu de Beja.

Pela secretaria de instrução foram efectuadas as seguintes despachos: Transferência de professores: Maria da Graça, de Viseu; Sônia Mirelles, para Viseu; Paula, e Clarisse Mirandinha, de Limalcena, Mamede de Cavaleiros, para Coimbra. Guiné: provendo temporariamente Alice de Jesus Carvalho, na escola da Beira Grande, Carrazeda dos Ancestrais, e Edmunda de Azevedo Neto, na de Abadim, e Cecília de Beira.

Comunicado sindical

Reuniram os altaistas, que se mantinham em greve, tomando conhecimento das "démarches" junto dos industriais para lhes ser apresentado o protesto da classe contra a nota oficiosa enviada pelos industriais aos diários da capital.

Tratou-se do decreto sobre o horário de trabalho, sendo apresentados por diversos camaradas alíveis sobre a hora de entrada e saída nas oficinas, os quais baixaram à comissão de melhores horas, para sobre elas dar parecer.

Foram apresentados mais alguns trabalhos de interesse para classes que baixaram à comissão de melhoramentos.

Foram apresentados mais alguns trabalhos de interesse para classes que baixaram à comissão de melhoramentos.

Comunicado sindical

Reuniram os altaistas, que se mantinham em greve, tomando conhecimento das "démarches" junto dos industriais para lhes ser apresentado o protesto da classe contra a nota oficiosa enviada pelos industriais aos diários da capital.

Tratou-se do decreto sobre o horário de trabalho, sendo apresentados por diversos camaradas alíveis sobre a hora de entrada e saída nas oficinas, os quais baixaram à comissão de melhores horas, para sobre elas dar parecer.

Foram apresentados mais alguns trabalhos de interesse para classes que baixaram à comissão de melhoramentos.

Foram apresentados mais alguns trabalhos de interesse para classes que baixaram à comissão de melhoramentos.

Comunicado sindical

Os srs. Afonso de Melo, Constantino de Oliveira, e Cruz Filipe, confraternizaram com o ministro do comércio ácimos de necessidade de ser levada a efeito a construção de uma ponte entre o Algarve e o continente, para ligar a S. Mamede à S. Maria da Feira.

Foram apresentados os estatutos da Associação da Colónia Portuguesa do Brasil nos fados da Guerra, à qual serão concedidas as regras e isenções de que gozam em Portugal outras instituições congêneres.

Comunicado sindical

Os srs. Afonso de Melo, Constantino de Oliveira, e Cruz Filipe, confraternizaram com o ministro do comércio ácimos de necessidade de ser levada a efeito a construção de uma ponte entre o Algarve e o continente, para ligar a S. Mamede à S. Maria da Feira.

Foram apresentados os estatutos da Associação da Colónia Portuguesa do Brasil nos fados da Guerra, à qual serão concedidas as regras e isenções de que gozam em Portugal outras instituições congêneres.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

Os srs. Afonso de Melo, Constantino de Oliveira, e Cruz Filipe, confraternizaram com o ministro do comércio ácimos de necessidade de ser levada a efeito a construção de uma ponte entre o Algarve e o continente, para ligar a S. Mamede à S. Maria da Feira.

Foram apresentados os estatutos da Associação da Colónia Portuguesa do Brasil nos fados da Guerra, à qual serão concedidas as regras e isenções de que gozam em Portugal outras instituições congêneres.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu secretário particular, sr. Esteves Rodrigues da Silva e pelos vogais srs. Zácaras Gomes de Lima e dr. Joaquim Pratas.

Comunicado sindical

O governo, no col. de Ponta Delgada, chama o ministro do governo para o dia 25 de junho, para nele fazer a sua apresentação, e o seu



## Jornal do Público

## Protestos e reclamações

81.º de Maio no Liceu de Passos Manuel

Do sr. Artur Maria de Almeida, conselheiro do Liceu de Passos Manuel, recebemos a carta que segue:

*Sr. Redactor. — Segundo uma nota publicada na imprensa, foi deliberado em conselho de ministros que fôsse ferido o 1.º de Maio em todas as repartições do Estado. Em virtude de tal deliberação não comparecemos, alguns empregados menores do pessoal daquele liceu, verificando com espanto que nos tinha sido marcada falta. Sendo eu empregado do Estado há doze anos, e nunca uma única falta me tendo sido marcada, a não ser quando estive doente três meses, não me conformei com esta injustiça e a margem da nota da minha falta escrevi a palavra "feriado". Disto não gostou o sr. Sebastião Rolão, chefe do pessoal menor que, não contente em ter atingido o lugar que ocupa inadvertidamente, desse lugar se serve para exercer perseguições aos seus colegas, alguns mais antigos que ele e que, portanto, deveriam merecer respeito. E como não gostou o sr. Rolão encareceu-se e levando o livro do ponto à presença do Reitor, fez com que este senhor me repreendesse por eu ter tido a ousadia de querer aproveitar-me de uma regalia que o Estado concede, Achou o sr. Reitor irregular o meu gesto, e não acha irregular o facto de se ter desrespeitado naquele liceu, a nota, publicada na imprensa, de tolerância de ponto no dia 1.º de Maio.*

*Para que v. veja a injustiça de que fui vítima, basta dizer que as aulas naquele dia foram suspensas antes do meio dia, não devendo, portanto, ser marcada falta aos empregados que não compareceram. Não o entendeu, porém, assim o sr. Rolão, que tendo sido arvorado em chefe e mais tarde nomeado efectivo, sem ter marcado passo internamente um anôno no lugar de empregado menor, como manda a lei, se aprofavia do seu posto para perseguir aqueles que não são da sua geração. Para estas injustiças não ficarem de pé com risco de perturbação nos serviços públicos, bom seria que o governo notificasse a todas as repartições públicas que foi ferido ou houve tolerância de ponto naquele dia.*

*Peco sr. redactor me desculpe, mas é necessário não deixar sem protesto esta violência dum tiranete que deve convencer-se de que não é prudente continuar no caminho trilhado, pois a paciência tem limites.*

## Injustiça a que urge pôr coto

Com esta epígrafe, publicou recentemente *A Batalha*, uma carta do camarada António Maria Bento, em resposta à qual o camarada pintor Francisco Santos Cruz, vogal da indústria da construção civil e no Tribunal dos Acidentes no Trabalho, responde com outra carta em que, resumidamente, diz o seguinte:

No dia 10 de Abril desceu ao tribunal de que sou componente um processo movido pelo sr. António Maria Madeira, contra o sr. Francisco Mégia, sendo ministrado o companheiro António Maria Bento. E tanta justiça dignidade houve, por parte dos vogais da classe operária e patronal, que por todos foi reconhecida, a razão que assistiu à vítima do exercício da sua profissão e a responsabilidade que cabe ao empregado, sr. António Maria Madeira. Se não estou em erro, o ácordo devia realizar-se no dia 29 de Abril. De sorte que, camaraçado redactor, não existe motivo para se julgar que os vogais da classe operária no tribunal descuraram os assuntos que lhes compete resolver ou que faltam ao cumprimento dos seus deveres.

## Reclamando humanidade...

Datada de 26 do mês p. p., recebemos uma carta de todos os doentes que se encontram no hospital da Boa-Hora, em que estes nos pedem que nas colunas de *A Batalha*, intercedemos, junto de quem competir, para que, a exemplo do que acontece em todos os hospitais, quer civis quer militares, sejam concedidos dias de visitas a suas famílias. Em quanto muitos dos reclamantes se contorcem com dôres, a que a visita de seus parentes e amigos serviria de lenitivo, o regime hospitalar facultava... jaudição de musical! Coisas deste burlesco país...

## Hospital de Mutilados de Guerra

Fomos procurados por uma comissão de camaradas que trabalham neste estabelecimento, em Campolide, pedindo-nos que chamemos a atenção do ministro da guerra para o facto de ainda não terem sido pagos os aumentos de 30 por cento, em atraso, relativos a 21 dias. Não sabem aqueles camaradas explicar este facto, pois nos outros estabelecimentos dependentes do ministério da guerra já esses débitos foram satisfeitos e só ali se verifica tal exceção. O tesoureiro daquele estabelecimento procurado pelos interessados declarou primeiro que não estavam ainda prontas as folhas e depois que não tinha verba. Ora, francamente a importância não é tão elevada que justifique tal medida, que causa bastante transtorno a aqueles nossos camaradas.

## Atenção

Alfred Henry Bonnard, proprietário da patente de invenção n.º 9675, concedida a 12 de Junho de 1917, para "Aperfeiçoamento na preparação de carvão vegetal em que a isso diga respeito", desejando que aquele invento seja o mais possível aproveitado, deixa que se pronficia a conceder licenças para o gás parcial do privilégio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a Bonn Wade Tenant, 112, Hatton Garden, Londres. (105)

## Colhido por uma carroça

Para a enfermaria I (Infantil) do hospital da Estrela, entrou Silviano Freitas de Freitas, filho de Manuel de Freitas e da Maria de Mous, 72, loja, que foi colhido por uma carroça no largo de Arroios, que desembocando deixa-o muito contuso por todo o corpo.

## Reclamações corporativas

**Manipuladores de tabaco**  
Uma comissão representativa do pessoal dos tabacos das fábricas de Lisboa e Porto vem de entregar ao ministro das finanças, ao conselho de administração da Companhia dos Tabacos e ao comissário do governo junto da mesma companhia as seguintes reclamações, aprovadas em assembleas dos respetivos sindicatos:

1.º Para o pessoal de serviço braçal e continuo, o salário mínimo de 1850.  
2.º Para o pessoal jornaleiro, também braçal, mas em serviço nas oficinas, pintores, moles de tabaco, braçal, fornecedores, peneiradores de tabaco em séco, fornecedores de tabaco para paixão de rapé, laminação de chumbo e respectiva fundição, amotinadores de facas, prenses de fazer fardos, aviadores, empilhadores, cargas e descargas, fura e desarmação de tabaco em ramares, e desgraça de vassouras em trabalho de depósito, o abono de 650.

3.º Para os operários classificados como jornaleiros, o salário mínimo de 1850.

4.º Guardas e revesteiras: para os primeiros, o salário mínimo de 2000, sendo as rotas nocturnas pagas por metade do salário, conforme as disposições existentes que regem este ramo de serviço ao presente.

5.º Para os meios oficiais dos ofícios acima citados, incluindo marginadores, o salário mínimo de 1850.

6.º Para os oficiais de ofício, tais como carpinteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros, serraleiros, torneiros, fundidores, ferreiros, maquinistas, ajudantes das máquinas, liturgistas, operários de encadernadores, e o salário mínimo de 2000.

7.º Para os oficiais de ofício, tais como carpinteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros, serraleiros, torneiros, fundidores, ferreiros, maquinistas, ajudantes das máquinas, liturgistas, operários de encadernadores, e o salário mínimo de 1850.

8.º Para os oficiais de ofício, tais como carpinteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros, serraleiros, torneiros, fundidores, ferreiros, maquinistas, ajudantes das máquinas, liturgistas, operários de encadernadores, e o salário mínimo de 1850.

9.º Serventes de oficinas, ajudantes de fogueiro, cortadores de papel e ajudantes de fogueiro, o salário mínimo de 1850, acrescido de 650 de abono, por motivo de excesso de serviço.

10.º Para os operários que fazem a limpeza das caldeiras, o abono de 650, por dia de limpeza.

11.º Para os oficiais que fazem serviço nos poços, assim como para os que fazem serviço de chauffeurs o abono de 650.

12.º Todos os operários empreiteiros (da Regie e extraordinário) que tenham aumentado a importância diária de 250, até a terem aumentado a importância diária de 1850, terão um aumento de 650, que também se compõe do salário mínimo, apresentando uma moção saudando o jornal *A Batalha* e oferecendo a solidariedade moral e material aos operários em luta pelas oito horas — moção que foi aprovada por unanimidade. Por fim, foi nomeada uma comissão de quatro membros para, conjuntamente com a direcção, estudar a forma de se formular a petição acima mencionada.

Os oficiais de ourives de prata já usufruem o horário das 8 horas

A Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata reuniu, no domingo, em assemblea magna, para apreciar a atitude dos industriais perante a reclamação das oito horas, expressa numa circular, enviada por aquela colectividade, em 16 de março findo. Depois de verificado, pelas comunicações recebidas dos delegados das oficinas e fábricas, que uma parte dos patrões só resolveria a questão consonante as decisões da sua classe, que à mesma hora estava reunida, apesar de uma outra parte manifestar a sua disposição de atender os reclamantes — foi nomeada uma comissão para ir entender-se com os industriais reunidos, a fim dos ourives de prata deliberarem o definitivo caminho a seguir, recebendo uma resposta satisfeita, motivo porque a assembleia se encerrou com entusiasmáticos votos à solidariedade operária, U. O. N. e às 8 horas para todos os trabalhadores.

13.º Para os operários que fazem a limpeza das caldeiras, o abono de 650.

14.º Quando o pessoal da (Regie ou extraordinário) se encontre em estado de doença justificada, lhe seja pago 2/3 do seu jornal ou média, incluindo o actual aumento pedido, e durante todo o tempo de doença, a parte que sucede ao actual aumento.

15.º Quando o subidão dos operários reformados seja elevado a quinta de 1850 diárias.

16.º Para que a Companhia creie um posto de socorros médicos e farmacêuticos em cada uma das suas fábricas e mais dependências, assim como a criação de estabelecimentos de banhos.

17.º Para que o pessoal (da Regie e extraordinário) sejam concedidos 20 dias de licença com vencimento em cada ano, e em qualquer ocasião a escolha dos mesmos operários, a exemplo do que sucede com os encadernadores.

18.º Quando qualquer operário (da Regie e extraordinário) seja suspenso, e se verifique que o foi injustamente, a Companhia seja obrigada a indemnizar o referido operário dos dias em que o mesmo esteve suspenso, e nunca podendo a indemnização ser inferior ao seu salário.

19.º Para que, a exemplo do que sucede aos empregados, sejam pagos aos operários (da Regie e extraordinário) todos os feriados.

20.º Para que fábricos operários autuados todos os direitos e regalias que os actuais possuem, incluindo os aumentos constantes da presente reclamação.

21.º Ressarcimento cumprimento da ordem de serviço n.º 97.

22.º Para os praticantes fabris, o salário mínimo de 7200 mensais.

Ajudantes de 3.º, 7500; ajudantes de 2.º, 7800; ajudantes de 1.º, 8100; capatazes, 8900, também mensais.

23.º Estas reclamações terão o seu início dia 1.º de Maio próximo passado.

24.º Imediato cumprimento da condição 6.º, do acordo celebrado entre os operários e o governo em 7 de Junho de 1918.

Os motivos que levaram os operários a tomarem a resolução das suas reivindicações são: a classe operária, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migalhas. Nessas cir-  
-cunstâncias, as classes operárias recorrem ao aumento de salário, paliativo ineficaz mas indispensável, à falta de outras medi-  
-das, que radicalmente terminassem com a exploração desenfreada das classes: comer-  
-cias e indústrias, principalmente com a es-  
-pécie de toda a perturbação e miséria social.

As classes populares, que tamás pri-  
-veações superiores durante a guerra, a qua-  
-lidade de armamento, fizeram a impressão de que a situação era melhor. Essa ilusão, que durou, pois que descreveu os operários, e que levou os empregados a satisfação e, por conseguinte, agradavam-se de um modo assustador. A crise de trabalho alastrou por todo o país, e a carência das subsistências é quase absoluta, por forma a tornar as pri-  
-veações insuportáveis. Por outro lado, os acambardeiros e especialistas da classe operária, que eram populares, arran-  
-caram as últimas migal